

Imbricações entre sexualidade e cultura: um trajeto culturante da pulsão¹

Veridiana Canezin Guimarães²

Resumo: O artigo busca discutir o conceito de Eros na psicanálise freudiana, de modo a compreendê-lo como a sexualidade culturante. Para consecução desse objetivo, discute a concepção da sexualidade mais primitiva e corporal, a sexualidade infantil e as consequências psíquicas da adaptação do sujeito ao princípio da realidade, face os modos de socialização. Argumenta-se sobre o recalque enquanto fator culturante das pulsões e estruturante do psiquismo, articulado ao conceito de sublimação, que se refere a um trabalho precisamente realizado por Eros. Conclui que Eros deve ser compreendido como um conceito que nomeia a trajetória da libido ou da sexualidade na cultura, nos objetos, situando-o como um destino culturante da pulsão.

Palavras-chave: Freud; Eros; sexualidade; cultura; destinos pulsionais.

Este artigo tem como objetivo discutir o conceito de Eros na psicanálise freudiana como um destino culturante da pulsão, nomeando uma sexualidade culturante. Considera-se que há, na teoria freudiana, uma compreensão da passagem da sexualidade mais primitiva e pulsional para as suas formas mais elaboradas, em que Eros se manifesta imbricado entre sexualidade e cultura. Supõe-se, assim, que as pulsões devessem percorrer um trajeto para transformar o sexual no que ele tem de mais pulsional, mais destrutivo, em uma sexualidade que atue em benefício do processo civilizatório.

Pressupõe-se que a teorização acerca do conceito de Eros passa pela abordagem do sexual, apostando na tese central freudiana de que a experiência da sexualidade é a base sobre a qual o psiquismo se constitui. Portanto, retomar o tema da sexualidade, a partir de uma concepção de Eros como sexualidade culturante, significa, no limite, atualizar uma problemática cara à psicanálise freudiana sobre a questão do sexual, vez que grande parte dos autores pós-Freud atribui um papel secundário à sexualidade nos processos subjetivos.

- 1 Este artigo é fruto das discussões presentes na tese de doutorado intitulada *Eros na psicanálise freudiana: um destino culturante da pulsão*, defendida no Programa de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília.
- 2 Psicóloga clínica, Pesquisadora colaboradora (UnB), pós-doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (UnB), Professora no curso de psicologia na Udf e lesb. Membro do Instituto de Psicanálise Virginia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB).

1.1 *Alguns apontamentos sobre a teoria da sexualidade e o circuito pulsional em Freud*

O entendimento do conceito de Eros parte, portanto, da apreensão da sexualidade dita mais primitiva e corporal, fazendo-se necessário discorrer, em termos gerais, sobre o conceito de sexualidade a partir do estudo da sexualidade infantil em suas dimensões autoerótica e perverso-polimorfa, enfatizando o caráter *inicial* da sexualidade.

A concepção freudiana da sexualidade tem sua matriz no livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905d/1976), no qual Freud imprime a importância desta em todas as realizações humanas, ampliando o seu conceito em sintonia com a afirmativa de que ela é uma disposição psíquica universal, inerente à própria condição humana. A partir desse livro, a sexualidade é elevada ao conceito – e assim permanece – de sexualidade infantil, que designa um modo de sexualidade que está presente na infância, mas se prolonga, jamais sendo superada, por toda vida do sujeito. A sexualidade infantil, perversa-polimorfa, constitui-se a sexualidade por excelência, sendo considerada a sexualidade originária. A sexualidade dita adulta e genital é resultado de uma transformação da sexualidade originária, e dela conserva seus traços, de forma a assinalar que o sujeito jamais se liberta completamente da influência das primeiras experiências sexuais, mesmo que estas vigorem de forma modificada, sob a determinação dos diversos deslocamentos e condensações característicos das representações recalçadas.

Na infância, as pulsões parciais são desvinculadas e independentes entre si em sua busca do prazer, não subordinadas ao primado da genitalidade. Essas pulsões precisam percorrer etapas, caminhos que culminam na sexualidade adulta, na qual as pulsões se unem a serviço da função reprodutora e com a finalidade de atingir um objeto sexual. A pulsão sexual, que era inicialmente autoerótica, desloca-se à procura de um objeto. Nesse sentido, o autoerotismo, como momento originário da sexualidade, obriga-se a dar lugar ao objeto de satisfação situado *fora* dos limites do sujeito.

A satisfação, portanto, decorre de uma excitação sensorial de qualquer parte do corpo, funcionando como zona erógena e, segundo Freud, o primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, da época do nascimento em diante, a boca. Inicialmente, toda a atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades dessa zona. Primariamente, é natural, essa satisfação está a serviço da autopreservação, mediante a nutrição; mas a fisiologia não deve ser confundida com a psicologia. A obstinada persistência do bebê em sugar dá prova, em estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se, todavia, por obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser denominada de *sexual* (Freud, 1940a [1938]/1976, p. 179).

Interessante relembrar o capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900a/1976), no qual Freud traz à cena a situação do recém-nascido que *grita ou dá pontapés impotentemente* na esperança de que sua excitação interna (a fome) seja satisfeita. No entanto, a situação permanece inalterada, porque a excitação que surge de uma necessidade interna não é devido a uma força que produz um impacto *momentâneo*, mas a uma força que se encontra em funcionamento contínuo. Uma mudança só pode surgir se, de uma maneira ou de outra (no caso do nenê, através do auxílio externo), pode ser atingida uma ‘experiência de satisfação’ que põe fim ao estímulo interno. (Freud, 1900a/1976, p. 602).

O auxílio externo, emblemático na figura materna que busca atender a criança em suas necessidades, representa o vínculo desta com um eu fora do seu próprio corpo, mesmo que ela ainda não o compreenda como tal. E, além da expressividade de uma demanda corporal, as manifestações do recém-nascido constituem um apelo de sentido à angústia e à impotência do desamparo original que ele experimenta em sua entrada na ordem cultural.

Nesse sentido, entende-se o nascimento do psiquismo como uma resposta à essa condição de desamparo do bebê, à medida que se refere aos caminhos traçados para dar vazão à sua pulsionalidade originária. Como aponta Celes (2004), a angústia seria então um sinal psíquico de sua própria falta: falta psíquica (desvalimento psíquico) expressa no corpo. Pulsão, angústia e psíquico nascem no mesmo ato, no mesmo gesto, o da primeira satisfação. Rigorosamente, então, o nascimento psíquico pode ser entendido como presença: presença pulsional (que exige trabalho), a qual presença a angústia denuncia.

Essas digressões direcionam para pensar a constituição psíquica enquanto devir, vez que não se pode conseguir efetivamente dar vazão para *toda pulsão*. Além disso, sabe-se que essa forma de dar vazão implica o exercício de adiamentos da satisfação e soluções sempre parciais, o que caracteriza, em termos mais amplos, a esfera da vida em sociedade. Assim, se, por um lado, há uma situação definidamente marcada por um *limite* de solução para a excitação do corpo, por outro, é essa mesma condição que faz do psíquico uma instância em devir, na possibilidade de alcançar novos caminhos para a pulsão.

A atividade psíquica, portanto, teria como objetivo evitar o acúmulo pulsional – o que levaria ao sentimento de desamparo – e impedir que o sujeito desconsidere o princípio da realidade, colocando-se em perigo. Como nenhum objeto satisfaz a pulsão, no registro pulsional o objeto de satisfação por excelência estará desde sempre perdido. E é precisamente porque nenhum objeto pode satisfazer a pulsão que, em última instância, ele é de natureza totalmente variável, o que sugere também a diversidade dos destinos pulsionais e o necessário engajamento aos objetos culturais.

1.2 O funcionamento psíquico a partir da dimensão social

Essa discussão se amplia na medida em que se leva em consideração a premissa de que os percursos encontrados pelo sujeito são necessariamente ancorados no campo da cultura e têm repercussões e registros na dinâmica psíquica individual. Nessa direção, surge a necessidade de refletir acerca de determinadas consequências psíquicas da adaptação do sujeito ao princípio da realidade, procurando discutir as formulações acerca dos princípios constitutivos do aparelho psíquico – o princípio do prazer e o de realidade –, tendo como orientação os processos de inserção do sujeito nos modos de socialização, enfatizando o narcisismo e os processos identificatórios.

Constata-se que a possibilidade de desenvolvimento do humano se efetua em decorrência de determinados processos e sucessivas identificações que promovem o distanciamento do sujeito da sua relação primitiva e original com o objeto. Dessa forma, articula-se a emergência do sujeito no campo da cultura a partir de um movimento necessário, porém nem sempre efetivo, de direção e afastamento do núcleo narcísico, que é tributário da instauração da alteridade.

Nesse sentido, necessariamente, a organização psíquica a partir da adaptação do sujeito à realidade requer o avanço deste, de uma organização autoerótica, eminentemente vinculada ao princípio do prazer, para uma organização que leve em consideração processos regidos pelo princípio da realidade. A libido, em benefício da emergência do sujeito, requer, necessariamente, destinos mediados socialmente. Nesse contexto, a passagem do Eu-prazer para o Eu-realidade é correlata à perda do objeto primordial, do primeiro objeto de satisfação, permitindo uma reestruturação ou remodelação do Eu que transforma a economia do objeto da pulsão. A pulsão sexual precisa se submeter a desvios, adiamentos e processos de domesticação para que sejam viáveis uma estruturação do Eu e a própria vida em sociedade; a pulsão sexual deve se submeter ao princípio da realidade. É essa a possibilidade de vida encontrada entre os homens, visto que a satisfação imediata e total coincidiria com a sua dissolução.

Portanto, com o acometimento do mundo externo, a estruturação do Eu é tributária de circuitos de investimento em objetos bem como adiamentos e satisfações parciais, no qual a dinâmica psíquica segue o conflito entre as moções pulsionais que se expressam numa sexualidade autoerótica e polimorfa perversa e as moções pulsionais em que já estão implicadas mediações do campo social. Interessante lembrar Freud (1916[1917]/1976) quando afirma que o autoerotismo é a base do atraso da sexualidade no processo de educação no princípio de realidade, já que se refere a uma atividade sexual do estágio narcísico da distribuição da libido. No entanto, a especificidade e a capacidade de se voltar para objetos externos implicam, de certa forma, um distanciamento narcísico, sem que, necessariamente, por esse motivo, ele desapareça.

Para dar conta dos investimentos e vínculos que unem diversos sujeitos em um grupo, Freud necessita de um mecanismo que vá além da dimensão da libido objetal: trata-se do processo de identificação. São os objetos encontrados na realidade externa que fornecem matéria-prima para as identificações, que, em consequência, também estruturam o Eu. Conceito fundamental na teoria freudiana, a identificação consiste em um processo pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando os aspectos, traços ou atributos das pessoas que o cercam. Ao mesmo tempo que se identifica, o sujeito reconhece-se separado daqueles com os quais se identificou. Os laços de identificação permitem, portanto, o reconhecimento da semelhança e, ao mesmo tempo, da diferença constitutiva do sujeito. Assim, se, de certa forma, identificar-se implica incluir uma parte, um traço do objeto, há algo irreduzível presente na identificação: a admissão da ausência do objeto, o que leva a uma introjeção de algo do objeto no Eu. De uma forma geral, os processos identificatórios correspondem a um meio de reorientar os impulsos originais do homem, na medida em que há um abandono das metas diretamente sexuais.

Nota-se, portanto, uma importância atribuída ao ideal na sustentação do laço social através das identificações, o que pode revelar a própria natureza do laço social. O Ideal-de-Eu contém, além de sua parcela individual, uma parcela social que se expressa em ideais comuns a um grupo. Um ideal cultural articulado à pulverização das referências simbólicas a serem transmitidas e compartilhadas. O Ideal-de-Eu parece se constituir, assim, em uma mediação entre o singular e o cultural, entre o registro narcísico e o registro que implica as esferas sociais.

O desenvolvimento do Eu supõe um distanciamento do narcisismo primário, embora permaneça o anseio de recuperá-lo. O distanciamento acontece devido aos deslocamentos da libido “em direção a um Ideal-de-Eu que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal” (Freud, 1914c/1976 p.117). Nesse sentido, a formação de ideais constitui-se em um dos caminhos percorridos pela libido a partir da constituição do Eu, revelando um percurso do sujeito em direção aos objetos externos. Diante da renúncia ao estado de completude e onipotência infantis vividos no narcisismo primário, tem-se a possibilidade de, através da identificação, da formação de ideais, construir-se laços libidinais inibidos em seu fim, que esteiam os grupos sociais. Assim, não é sem razão que Freud (1923b/1976) compreende o Ideal-de-Eu como um dos mais importantes destinos da libido.

A identificação se configura importante argumento da socialização e da vinculação humanas, um mecanismo estruturante e organizador do Eu, no qual o social surge não somente como uma instância que recalca os desejos infantis, mas também como organizador da própria vida da criança, por meio da oferta de modelos identificatórios tanto para o eu quanto para o Ideal-de-Eu. Além de estruturar o Eu, a identificação lança o sujeito nos vínculos sociais. Importante ressaltar que a

ideia do social representada pelos pais ou pela cultura necessita de ser delimitada, pois, inversamente, a qualidade do vínculo dos pais com a criança pode exatamente dessocializá-la, por assim dizer. Os vínculos podem lançar o sujeito à psicose e não neurotizá-lo. Portanto, as identificações não somente organizam o Eu, mas podem constituí-lo desorganizadamente, empreendendo nele verdadeiras cisões.

Introduz-se, necessariamente, não somente a estruturação do sujeito devido à identificação, mas também evidenciando a função do circuito completo (triádico) do complexo de Édipo. Trata-se de compreendê-lo como uma passagem fundamental para a inserção do sujeito na sociedade, desde que, além de proporcionar a internalização da lei do incesto, funciona como mediador entre as moções pulsionais e o espaço cultural, dando vazão à pulsionalidade humana. Assim, sugere-se pensar o conflito edípiano como estruturante do ser humano porque, nele e através dele, se opera a articulação entre a vida pulsional e a esfera social, fazendo com que o 'outro' venha a ocupar, na vida psíquica, os quatro lugares atribuídos por Freud: modelo, objeto, auxiliar ou adversário. O conteúdo do complexo de Édipo – que pode ser descrito esquematicamente como a instauração da proibição do incesto – envolve a transformação mais decisiva da história de cada indivíduo, transformação que consiste em fazê-lo como sujeito humano capaz de desejar e de reconhecer na realidade social a si mesmo, o objeto de seu desejo e os limites intransponíveis opostos ao exercício deste último (Mezan, 1990, p. 458).

Assim, a lei do incesto interdita o incesto e, ao mesmo tempo, autoriza o sujeito a outras escolhas amorosas não incestuosas, de modo a afirmar que a sexualidade, no espaço social, deve se submeter a processos que a impeçam de se desenvolver livremente. Internalizar a autoridade, assim, parece ser condição essencial para que o sujeito possa se lançar ao mundo, identificando-se com os ideais de cultura e estruturando os ideais do eu, reconhecendo o limite da sua condição desejante.

Está aí em iminência a forma como se processa a relação com o outro, as mediações que a cultura encontra para regular os relacionamentos sociais. Isso significa que os destinos pulsionais, as possibilidades humanas de subjetivação, são culturalmente regulados e marcados pelos sacrifícios que a civilização impõe tanto à sexualidade quanto à agressividade do homem. Dessa forma, regular os relacionamentos entre os homens em benefício da vida em comum possibilita construir mediações entre o sujeito e a cultura, que, no limite, estão atravessadas pelo pressuposto freudiano do sacrifício das pulsões.

1.3 O conceito do recalque como fator culturante das pulsões

Nesse momento, situa-se o conceito de recalque como um destino pulsional estruturante do psiquismo, de forma a elucidá-lo enquanto fator culturante das pulsões. O recalque, como fundamento na origem e sustentação da relação entre

sujeito e cultura, sustenta a ideia da interdição da condição pulsional do homem como causa na constituição do sujeito, de forma a afirmar que a vinculação do sujeito com o mundo externo se deve, sobretudo, ao recalçamento das pulsões sexuais e agressivas na esfera civilizatória.

A tensão entre a condição humana pulsional e o processo civilizatório exige incessantes elaborações, uma vez que não há uma superação definitiva. Portanto, a possibilidade de emergência do sujeito está na constante solitação de um trabalho psíquico que *transforma* a natureza pulsional, que continua a atuar e a necessitar de simbolização. Sem a intervenção do aparelho psíquico (e da cultura), a pulsão continua a se apresentar de forma desenfreada, sem contornos e limites, necessitando do psiquismo para articular e adaptar os impulsos internos e os estímulos externos, ligando-os a objetos, civilizando-os e buscando nisso alguma satisfação.

Importante é pensar que as mediações psíquicas construídas a fim de sustentar a vida social dependem também do que é oferecido à economia libidinal, não apenas do que lhe é negado. Nesse momento, interessa lembrar a reflexão de Mezan (2002), que denuncia a tese freudiana de que a cultura repousa integralmente sobre a coerção das pulsões. Para ele, essa tese não se sustenta completamente, uma vez que é preciso destacar outra dimensão da relação entre pulsão e cultura: a cultura também possui a tarefa de propiciar à pulsão objetos que excitam e satisfaçam o desejo. Essa dimensão da cultura está presente, do começo ao fim, no processo de subjetivação, desde a experiência de satisfação – elevada ao estatuto de uma satisfação ideal – até as experiências de sublimação. Assim, tudo que se apresenta como capaz de satisfazer o desejo humano é fruto de um trabalho social. Portanto, a relação entre a cultura e a pulsão não pode ter apenas um cunho coercitivo – coagir as pulsões para que elas se dirijam para o trabalho ou para as relações sociais permitidas e estimuladas, que se baseiam, em última análise, no erotismo inibido quanto ao fim –, mas deve, obrigatoriamente, incluir um aspecto sedutor, propiciador, que, sem dúvida, é parte satisfatória (no sentido de oferecer coisas que de fato satisfazem, de algum modo, os desejos agressivos e sexuais do ser humano, bem como os seus anelos narcísicos) (Mezan, 2002, p. 359).

Sugere-se entender, portanto, que a esfera social funciona como espaço de sustentação do circuito pulsional para a estruturação do sujeito psíquico, que realiza investimentos na realidade transformando-a e obtendo (im)possibilidades de gratificação, ao menos no que se refere a um deslocamento da condição originária e primitiva.

A partir das formulações freudianas, é possível embasar a ideia de que o social está presente no individual, mesmo que se apresentem diferenças entre essas instâncias. No interior do sujeito, situa-se a instância do Supereu, que representa tanto o nível individual – a singularidade dos processos inconscientes e psíquicos – quanto o social – a reprodução das leis, regras e proibições de uma sociedade. O Supereu é a instância

interna do controle social, mas também o resultado de diversas identificações, resquício de escolhas de objeto, herdeiro do complexo de Édipo. Nesse sentido, ele é social e individual ao mesmo tempo, de maneira a sugerir que os processos de culturalização das pulsões como destinos pulsionais estão, de maneira geral, ancorados na problemática freudiana do homem na cultura.

Na teoria freudiana, a referência ao recalque, ao interdito e à lei parece ser indispensável para pensar a constituição do psiquismo nos fios da cultura, de modo a localizá-lo como um eixo estruturador, condição de subjetivação e objetivação, possibilidade, então, de acesso à linguagem, ao simbólico, à cultura. O recalque das moções pulsionais registra que a possibilidade de regulação social se dá, principalmente, por uma lei instituída interna e subjetivamente, que passa a representar a própria relação entre cultura e sexualidade.

No entanto, não se deve conceber uma linearidade nesses processos, como se fosse possível resolver o problema da vida em sociedade impondo a indispensável renúncia pulsional, o que asseguraria toda a humanidade da força pulsional. A civilização, diz Freud (1930[1929]/1976), não necessariamente indica um progresso ou é sinônimo de aperfeiçoamento. A regressão do sujeito a estágios infantis e a processos primários, funcionando segundo os automatismos do prazer-desprazer e não segundo os imperativos do princípio da realidade, é uma possibilidade que, a todo momento, está à espreita, justificando as inúmeras barbáries do cotidiano e impondo a prerrogativa de que a vida pulsional não é totalmente domesticável, por mais apurados que sejam os métodos e regulamentos sociais e psíquicos. No entanto, não há como banalizar a assertiva de que é pela limitação e pelo deslocamento dos impulsos destrutivos e eróticos que a civilização procura regular as relações entre seus membros, promovendo a sua continuidade.

Sempre haverá um limite para a assimilação do sexual, dos impulsos sexuais nas organizações simbólicas e sociais, o que torna possível dizer que, nas formações psíquicas, o sexual se apresentará de forma fragmentada, não nomeada, apontando para um resíduo seu inassimilável. Para tanto, a cultura precisa continuar a exercer o objetivo fundamental de culturalizar a sexualidade na forma de Eros, constituindo-se, conforme Freud (1921c/1976), como um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações em uma única grande unidade, a unidade da humanidade.

A ideia de culturalizar a sexualidade na forma de Eros significa promover o investimento libidinal em objetos, ampliando o círculo das relações humanas, o que requer a instalação do recalque. Sugere-se, portanto, compreender que a tarefa de culturalizar a libido ou a sexualidade consiste em considerá-las uma pulsão sexual vinculante ou culturante, dirigida aos objetos, diferentemente de uma sexualidade

autoerótica. O recalque, nesse sentido, consiste em um mediador psíquico capaz de conferir a Eros uma sexualidade que está intimamente relacionada à cultura, desde que Eros se distinga da sexualidade puramente pulsional, pois se coloca como uma sexualidade marcada pelas relações de objeto propriamente ditas.

O estatuto de Eros na psicanálise freudiana, como uma pulsão sexual culturante, indica que a ligação libidinal com o outro, com os objetos, é constituída culturalmente pelas vicissitudes, particularmente, dos processos de recalque e sublimação. Ou seja, a sexualidade culturante parece estar também, embora diferentemente, infiltrada nos processos sublimatórios.

1.4 Sublimação: insígnia de Eros, mas renúncia da satisfação - seus limites e possibilidades

Nesse momento, apresentam-se algumas articulações acerca do conceito de sublimação como uma pulsão sexual culturante, circunscrevendo-a como um trabalho precisamente realizado por Eros, promovendo o laço social e inscrevendo, por meio das produções artísticas, intelectuais, científicas e culturais, a possibilidade de canalizar e dar vazão aos elementos pulsionais. No entanto, todo o processo de Eros está concomitantemente atravessado pelas vicissitudes da pulsão de morte, que apresenta sua face nos processos de desfusão pulsional realizados na sublimação.

Compreende-se que a sublimação implica a substituição de uma gratificação real das pulsões, que nunca será erradicada, pela gratificação mediada culturalmente, dessexualizada, ainda que se presencie uma defasagem entre a satisfação procurada e a obtida. Mas a sublimação encontra sua importância no processo civilizatório porque consiste em um processo psíquico capaz de gerar satisfação e, ao mesmo tempo, favorecer a organização cultural. De qualquer forma, há uma descontinuidade constitutiva entre as pulsões sexuais e a cultura, no sentido de que, nesse enfrentamento, nem sempre se acomoda a dupla exigência, a sexual e a cultural, que são diferentes, porém interdependentes. O que se quer evidenciar é que a sublimação se inscreve como possibilidade de articular esses dois elementos, embora ela continue a carregar a marca do sacrifício pulsional a favor da construção da cultura. No entanto, o excesso de trabalho sublimatório, enquanto representante da exigência civilizatória, pode resultar em uma diminuição da satisfação individual por meio da intensificação do recalque, acarretando, necessariamente, um prejuízo sexual. No texto *A moral sexual civilizada e doença moderna*, Freud (1908/1976) chama a atenção para o papel eventualmente prejudicial da sublimação, apontando que a satisfação direta é indispensável à pulsão. Nesse cenário, a sublimação não deixa de ser uma renúncia à satisfação, mas, ao mesmo tempo, é uma possibilidade de inscrever outra forma de satisfação pulsional, que recai sobre o afastamento e desvio do que é sexual, mas é favorável à vida em comum.

Não há como negar que a sublimação se situa como uma saída bem-sucedida diante do conflito entre sujeito e cultura, já que estabelece um caminho para reduzir o sofrimento imbuído pela neurose e desfazer os estragos do recalque, restaurando a capacidade de amar e de encontrar prazer por meio de processos, nos quais a pulsão sexual tem uma finalidade mais adequada às reivindicações da cultura. Mas algumas questões relevantes atravessam esse mecanismo. Primeiro, mesmo existindo uma plasticidade na pulsão, é preciso ressaltar os seus limites na própria economia da sublimação.

Outro aspecto importante refere-se à relação entre o Eu e Eros, sob o viés da desfusão pulsional entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, inscrevendo a dessexualização das pulsões e a sublimação. As pulsões - eróticas, por serem plásticas, com capacidade de desvios e deslocamentos, diferentemente das pulsões destrutivas, trabalham “a serviço do princípio do prazer, visando sempre a evitar represamentos e buscando sempre achar diferentes vias de escoamento” (Freud, 1923b/2007, p. 53). Nesse sentido, denomina a energia utilizada no deslocamento – quando ela consiste de libido dessexualizada – de energia sublimada. São processos que estão em sintonia com o objetivo de unir e enlaçar desempenhado por Eros.

O processo de dessexualização presente na sublimação é tributário de uma liberação da agressividade - uma desfusão pulsional - que será consumida no próprio processo de criação. Nesse sentido, a liberação da agressividade, vez que a libido fica dessexualizada pelo processo de sublimação, mantém viva a força pulsional, o que não é, necessariamente, a favor da adaptação na cultura, pois também pode indicar uma diminuição da força de Eros quando esta se funde à pulsão de morte. A sublimação, que se apresenta principalmente como um destino elogiável, pode se fazer facilitadora de ameaçadoras desfusões pulsionais.

Daqui se pode considerar que a possibilidade de compreensão do processo sublimatório se delinea no texto freudiano a partir de dois aspectos importantes. Primeiro, a sublimação se refere a um processo de extrema importância na construção da civilização, situando-se como uma mediação entre o sujeito e a cultura, de forma a fortalecer os laços sociais e trazer algum apaziguamento para o sofrimento psíquico, além de se apresentar como a forma mais benéfica de lidar com os conflitos dessa ordem. No entanto, a partir do ensaio de 1923, *O ego e o id*, Freud ressalta a característica da desfusão pulsional envolvida na sublimação, fazendo com que as pulsões agressivas se liberem no Supereu, deixando o Eu exposto à ameaça de maus-tratos e de morte. Nos momentos em que a pulsão de morte excede em atuação no aparelho psíquico, diminuindo a potência erótica e fortalecendo as desconexões, está aberto o caminho para destinos não favoráveis para o sujeito, que, assoberbado de angústia, se mobiliza à procura de defesas extremas.

Essa constatação não destitui Eros de sua funcionalidade. Aliás, assevera sua importância como uma pulsão sexual culturante, que, embora afastada dos desígnios originais da sexualidade, está comprometida em realizar um trabalho de articulação entre sexualidade e cultura, um trabalho de ligação, permitindo, assim, a sustentação desta. Esse é precisamente o trabalho de Eros, o representante dos impulsos libidinais na cultura, que tem a função de impulsionar as relações humanas e driblar as intenções de desconstrução de Tãatos, que não cessa e insiste em se inscrever.

Compreende-se que as mediações psíquicas, como a sublimação, são caminhos pulsionais que procuram atenuar ou aquietar o caráter polímorfo e pulsional da sexualidade, tanto pela necessidade de utilizar a libido em proveito da cultura, quanto pela necessidade de lidar com o seu aspecto desorganizador e selvagem, que se expressa principalmente pelo excesso de estímulos.

É a partir dessa interface ou simultaneidade que se pode pensar a construção do conceito de Eros em Freud como pulsão sexual culturante. Qualquer resolução ou redução sua ao aspecto social ou pulsional retira o que há de mais essencial no texto freudiano, a saber, sua fertilidade em refletir acerca da relação sujeito e cultura sempre em uma perspectiva de tensão e constituição recíprocas.

Se o entendimento reside no pressuposto de que a pulsão de morte tem por meta conduzir a vida de volta ao estado inanimado, há uma força, Eros, que tem como meta amalgamar cada vez mais, dando à vida uma forma mais complexa e, assim, preservando-a. Enquanto o processo pulsional, ou princípio pulsional, registra uma tendência à morte da vida, Eros vem complexificar o percurso da morte por meio dos elementos de vida. Complexificar, portanto, parece significar o estabelecimento de vias variadas e complexas de satisfação pulsional, evitando o circuito direto para a descarga pulsional, a realização de sua tendência ao zero. O curso da vida é a morte; e Eros, a libido, é o que impede essa execução, é o que representa o esforço de viver.

Compreende-se, portanto, a especificidade de Eros no contraponto da pulsão de morte, que se opõe ao programa de civilização, que, por sua vez, requer a culturalização da sexualidade. Eros, nesse sentido, deve ser pensado como um elemento que se constitui em uma relação de contradição, na medida em que se esbarra nas tendências destrutivas da pulsão de morte.

1.5 Considerações finais

Propõe-se, assim, como consideração final deste artigo, considerar Eros como um conceito forjado ao longo do desenvolvimento da obra de Freud para apreender uma sexualidade culturante, na qual estão em atuação, ao mesmo tempo, exigências

da cultura e da sexualidade, instâncias fundamentais no arcabouço teórico acerca da subjetividade. Considera-se que na obra freudiana estão presentes, por assim dizer, dois modos de sexualidade constituindo Eros, que sustentam os laços humanos: a sexualidade recalçada e a sexualidade sublimada, ou o Eros dessexualizado.

Sugere-se, então, que o conceito de Eros seja apreendido, em Freud, como uma sexualidade culturante, uma sexualidade que precisa passar por desvios, redirecionamentos, para ser favorável à vida em comunidade, mesmo que isso signifique, sob o viés da falha do recalçamento permitindo o retorno do recalçado, algum prejuízo psíquico para o sujeito, como as neuroses e a perda das moções pulsionais que a cultura poderia utilizar em seu proveito.

Importante ressaltar que o objetivo de Eros de formar grandes unidades, construir vínculos e constituir a unidade da humanidade nada tem a ver com a intenção de uma perfeita harmonização do sujeito com a sociedade. Primeiro, porque, na linha de pensamento freudiano, a ruptura da união primordial é um passo irreversível no processo de hominização, enfatizando a relação de oposição e complementaridade entre as exigências singulares e culturais. Segundo, porque Eros só registra sua especificidade no contraponto da pulsão de morte, o *natural instinto agressivo do homem*, como diz Freud (1930a[1929]), que se opõe ao programa de civilização, que, por sua vez, requer a culturalização da sexualidade. Eros, nesse sentido, deve ser pensado como um elemento que se constitui em uma relação de contradição, à medida em que esbarra nas tendências destrutivas da pulsão de morte.

A discussão a respeito do conceito de Eros na obra de Freud, portanto, torna-se pertinente não para vislumbrar uma cultura em que possa reinar o Eros que neutralize a agressividade humana, tamanha sua potência de formar unidades, mas, para além de atualizar a centralidade do sexual nas relações entre sujeito e cultura, apontar que a força de Eros e sua intenção só se fazem presentes nas vicissitudes psíquicas porque há uma força ao mesmo tempo implacável que tende a destruir o que foi construído. Nessa direção, toma-se Eros na sua contradição, o que faz lembrar a citação de Platão, para quem Eros é o desejo do que não se tem.

Portanto, deve-se discutir o fato de que a sexualidade pulsional nunca se esvai completamente e, sendo intermitente, há sempre nela algo de indomável que não se subjugava à linguagem, à representação, à cultura. Portanto, a sexualidade contém em si mesma um aspecto demoníaco, submetido a processos primários e à compulsão de repetição, procurando, enfim, por caminhos mais curtos, a realização completa da satisfação. A força de Eros - que, embora na sua origem esteja vinculada à sexualidade desligada - reside, na sua potencialidade, nas tramas da cultura, que, por caminhos mais complexos, constrói satisfações menos avessas ao desenvolvimento cultural.

The interlacement of sexuality and culture: a culturant route of the instinct

Abstract: The essay tries to discuss the concept of Eros in freudian psychoanalysis, in order to understand it as a culturant sexuality. To achieve this goal, discusses the conception of sexuality in a primitive and corporal sense, the infant sexuality and the psychic consequences of the subject's adaptation to the principle of reality, before the manners of socialization. Points out the repression as a culturant factor of the instincts and structuring of the psyche, articulated to the sublimation concept, which refers to a work precisely done by Eros. The article concludes that Eros should be understood as a concept that names the path of libido or sexuality in the culture and objects, placing it as a instincts's culturant destination.

Keywords: Freud; Eros; sexuality; culture; instincts destinations.

Entrelazamientos entre la cultura y la sexualidad: un trayecto culturante de la pulsión

Resumen: El artículo analiza el concepto de Eros en el psicoanálisis freudiana, con el fin de comprenderlo como la sexualidad culturante. Para lograr este objetivo, se analiza el concepto de la sexualidad más primitiva y corporal, la sexualidad infantil y las consecuencias psíquicas de la adaptación del sujeto al principio de la realidad con respeto a los modos de socialización. Se discute sobre la represión como um factor culturante de las pulsiones y de estruturación del psiquismo, articulado al concepto de sublimación, que se refiere a un trabajo realizado con precisión por Eros. Se discute sobre la represión como um factor culturante de las pulsiones y de estruturación del psiquismo, articulado al concepto de sublimación, que se refiere a un trabajo realizado con precisión por Eros. Concluye que Eros debe entenderse como un concepto que da nombre a la ruta de acceso de la libido o la sexualidad en la cultura, objetos, colocándola como un destino culturante de la pulsión.

Palabras clave: Freud; Eros; sexualidad; cultura; destinos pulsionales.

Referências

- Celes, L. A. (2004). Nascimento psíquico. In *O bebê, o corpo e a linguagem*. pp. 41-58. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1976). A interpretação dos sonhos I. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- _____. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol 7, pp. 123-252). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- _____. A moral sexual civilizada e doença moderna. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol 9, pp. 185-208). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- _____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.14, pp. 85-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- _____. Conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J.Salomão, trad., Vol 15). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915-16)
- _____. Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol 18, pp. 89-212). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- _____. O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol 19, pp. 13-83). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- _____. O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol 21, pp.75-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1929-1930)
- _____. Esboço de psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol 23, pp. 165-237). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- _____. (2007) O eu e o id. In S.Freud. *Escritos sobre psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud*. (Luiz Alberto Hanns, trad., Vol. 3, p.159-170). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923b).
- Mezan, R. (1990). *Freud, o pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (2002). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

Veridiana Canezin Guimaraes
SEPS 705/905, Bloco C, Sala 141
Ed. Mont Blanc.
70.390-000 Brasilia/DF
(61) 8276-4800
veridianacanezinguimaraes@gmail.com